



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**CAMILA GALDINO BARROSO**

**A ALFABETIZAÇÃO NO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): A  
REALIDADE DE UMA PROFESSORA EM CAMPINA GRANDE-PB**

**CAMPINA GRANDE – PB  
2018**

CAMILA GALDINO BARROSO

**A ALFABETIZAÇÃO NO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): A  
REALIDADE DE UMA PROFESSORA EM CAMPINA GRANDE-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento a exigência para obtenção do grau de Licenciado do Curso de Licenciatura plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof. Mes. Jucilene Braz da Costa

CAMPINA GRANDE – PB  
2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B277a Barroso, Camila Galdino.  
A alfabetização no transtorno do espectro autista (TEA) [manuscrito] : a realidade de uma professora em Campina Grande - PB / Camila Galdino Barroso. - 2018.  
23 p.  
  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.  
"Orientação : Profa. Dra. Jucilene Braz da Costa, Departamento de Educação - CEDUC."  
  
1. Educação inclusiva. 2. Autismo. 3. Alfabetização.  
21. ed. CDD 371.94

CAMILA GALDINO BARROSO

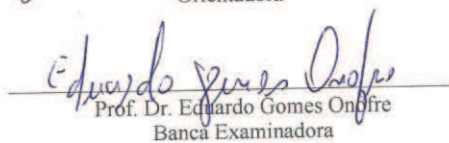
**A ALFABETIZAÇÃO NO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): A  
REALIDADE DE UMA PROFESSORA EM CAMPINA GRANDE-PB**

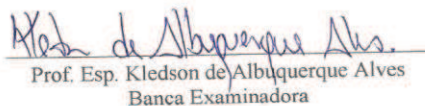
Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Graduação em  
Pedagogia da Universidade Estadual da  
Paraíba, em cumprimento a exigência  
para obtenção do grau de Licenciado do  
Curso de Licenciatura plena em  
Pedagogia.

Aprovado em: 21/02/2018

BANCA EXAMINADORA

  
Prof.ª Mes. Juilene Braz da Costa  
Orientadora

  
Prof. Dr. Eduardo Gomes Onofre  
Banca Examinadora

  
Prof. Esp. Kledson de Albuquerque Alves  
Banca Examinadora

## **AGRADECIMENTOS**

A princípio toda gratidão e louvor a Deus, pela sabedoria e paciência que Ele me concedeu durante a graduação.

Agradeço aos meus pais, por serem meus anjos aqui na terra e pelo suor derramado diariamente para meu sustento e educação. A estes meu MUITO OBRIGADA, serei grata até o fim.

Quero agradecer à minha orientadora professora Jucilene Costa, pela disponibilidade e confiança manifestadas, mas, acima de tudo, pela clareza das sugestões, recomendações e orientações dadas. Obrigada Professora, que Deus ilumine sua vida.

Obrigada à todos os professores que contribuíram para minha formação profissional no decorrer do curso, à Universidade Estadual da Paraíba, minha eterna gratidão por todo conhecimento adquirido.

Um agradecimento especial à meu namorado e amigo, que sempre permaneceu ao meu lado, torcendo e me ajudando quando mais preciso.

Agradeço à minha amiga Cybelle por todo auxílio e incentivo, você foi e é um presente de Deus na minha vida.

E por fim, um grande agradecimento ao meu eterno e admirável Professor Doutor Eduardo Onofre, afinal foi ele quem despertou em mim esse olhar singular pela Educação Inclusiva.

*“Jamais existirão mudanças em nossa sociedade sem o envolvimento de Homens e de Mulheres de bem. O que nos move é a certeza de que a vida é um presente, e o que queremos escrever e/ou deixar para as futuras gerações é uma história que mereça ser contada de lutas, batalhas pelo bem comum, e pelos valores que enobrecem a nossa existência e a dignidade humana. Ter autismo não é somente ter uma deficiência, mas é ter também um grande DESAFIO...”* Ulisses da Costa Batista (um dos autores da Lei Federal nº 12.764, Lei Berenice Pia

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>06</b>
<b>1.REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>07</b>
1.1 Caminhos percorridos pela deficiência: O que é deficiência.....	07
1.2 Autismo em foco.....	08
<b>2. PERCURSO METODOLÓGICO.....</b>	<b>10</b>
2.1 Tipo de pesquisa.....	10
2.2 Percurso metodológico.....	10
2.3 Participantes da pesquisa.....	10
2.3 Cenário da pesquisa.....	10
2.4 Análise de dados.....	11
<b>3. APRESENTAÇÃO E DISCURSSÃO DOS RESULTADOS.....</b>	<b>12</b>
3.1 O olhar sobre o autismo.....	12
3.2 Os métodos utilizados na aprendizagem do aluno autista.....	13
3.3 O desenvolvimento da criança autista nas atividades relacionadas à leitura e escrita.....	13
3.4. A participação da família na aprendizagem da criança com autismo na escola.....	14
3.5 A inclusão escolar de alunos autistas e dificuldades encontradas no ambiente escolar.....	15
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>16</b>
<b>5.REFERÊNCIAS .....</b>	<b>19</b>
<b>6. APÊNDICE .....</b>	<b>20</b>

## **A ALFABETIZAÇÃO NO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): A REALIDADE DE UMA PROFESSORA EM CAMPINA GRANDE-PB**

GALDINO, Camila Barroso

### **RESUMO**

O aumento de matrículas referente às crianças autistas nas escolas regulares trouxe uma grande necessidade de estudos e pesquisas que aprofundem os conhecimentos em relação aos métodos que são utilizados nas escolas e transmitidos a essas crianças. Muitas vezes as estratégias para envolver o aluno com autismo no mundo das letras demoram a surgir, desestimulando o professor responsável pela aprendizagem desse aluno. Este trabalho tem como objetivo compreender a perspectiva de uma educadora referente à alfabetização de uma criança autista no 2º ano do ensino fundamental. A recente pesquisa foi de cunho qualitativo, utilizando assim uma entrevista semiestruturada com a educadora do ensino fundamental de uma escola municipal localizada em Campina Grande – PB. Observamos que escola não disponibiliza materiais pedagógicos especializados para o ensino do aluno, criando desta forma uma barreira para a inclusão do mesmo no ensino regular. Através da entrevista, verificamos que a professora possui alguns conhecimentos ao autismo, mas sua metodologia ocorre de forma tradicional, não utilizando nenhum método específico ou algo que estimule a aprendizagem da criança. Concluímos que ainda é possível nos deparar com profissionais não qualificados na rede regular e professores que não estimulam as crianças autistas independentemente do déficit ou nível que ela encontra-se, pois é papel do professor e da escola impulsionar os recursos insubstituíveis para uma educação inclusiva de qualidade.

**Palavras chaves:** Inclusão. Autismo. Alfabetização

### **INTRODUÇÃO**

O acolhimento às várias necessidades educativas dos alunos é certamente o desafio mais importante que o professor tem de enfrentar nos dias atuais, justamente por ter surgido novos requisitos que foram empregados ao sistema educativo em geral e aos professores em particular.

A nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n 9.394/96) veio contribuir com uma ação educativa compromissada com a formação de cidadãos, mostrando que a Educação Especial complementa a Educação Geral, aderindo assim ao princípio da inclusão. Inclusão é o acolhimento de todas as pessoas, sem exceção, no sistema de ensino independentemente de cor, classe social, condições físicas e psicológicas.

Portanto, a Declaração Mundial sobre Educação para Todos vem destacar uma educação focada na criança, levando em consideração as diferentes necessidades trazendo assim a garantia de uma educação eficaz. Para isso, é necessário universalizá-la e melhorar sua qualidade, bem como tomar providências permanentes para diminuir as desigualdades.



A Declaração de Salamanca afirma isso ao falar que as escolas deveriam acomodar todas as crianças independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras. Deveriam incluir crianças deficientes e superdotadas, de rua e que trabalham, de origem remota ou de população nômade, pertencentes a minorias linguísticas, étnicas ou culturais, e crianças de outros grupos marginalizados. Pois essas diferentes condições geram novos e grandes desafios para o sistema escolar.

O atual estudo formou-se a partir de um projeto de pesquisa acadêmica, realizado para atender ao requisito de conclusão do curso de Pedagogia, o qual tem como foco a Alfabetização no Transtorno do Espectro Autista. Diante da dificuldade que tivemos de alfabetizar uma criança autista no 1º ano do ensino fundamental, tal situação nos despertou uma necessidade de aprofundar os conhecimentos nesse tema.

Alfabetizar é possibilitar à criança situações para que de forma ativa, ela possa relacionar-se com o código escrito e se encaixar nele, entendendo assim sua finalidade social. Mas como essas condições são possíveis para crianças autistas, já que esse processo de alfabetizar deduz a participação ativa da criança e de sua compreensão?

Como pedagogos, devemos adaptar e estruturar as atividades com as características específicas de cada criança.

Portanto, a escolha desse tema destaca-se pela necessidade de uma nova compreensão sobre a alfabetização de crianças com autismo, um desafio no qual é possível vencer, tendo como objetivo investigar o processo de alfabetização e inclusão de um aluno com autismo em uma escola regular.

## **1. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **1.1 CAMINHOS PERCORRIDOS SOBRE A DEFICIÊNCIA**

As pessoas com deficiência por muito tempo viveram separadas da sociedade para não serem notadas. Mas um novo modelo da sociedade permitiu o entendimento da deficiência como uma expressão da diversidade humana, sendo assim uma forma de excluir de vez essa estigmatização da pessoa com deficiência. Eles passaram por um processo histórico de opressão e apartação social, pelo fato das pessoas com deficiência estarem confinadas dentro de suas casas e manterem contato apenas com sua família.

Segundo Diniz (2007, p. 9) “deficiência é um conceito complexo que reconhece o corpo como lesão, mas que também denuncia a estrutura social que oprime a pessoa com deficiência.”

Vários termos continuaram surgindo relacionados à deficiência, mas após a vigência da RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 2 “necessidades especiais” passou a ser associado tanto à pessoa com deficiência quanto a outras pessoas.

Lutar pelo reconhecimento chegou as pessoas com deficiência, grupo social que sempre foi colocado em posição de inferioridade social. As lutas para adquirir a visibilidade política e defesa de seus direitos começaram a partir da década de sessenta, quando, nos outros movimentos pelos direitos civis, como o movimento negro e o movimento feminista, iniciou-se a luta pela transformação de paradigmas sociais, refletida na busca pela proteção dos direitos e promoção da autonomia, autodeterminação, independência, bem como na eliminação de barreiras, preconceitos ou discriminação de qualquer espécie. A sociedade começou a promover o reconhecimento das pessoas com deficiência.

Na década de oitenta, em meio ao clima político do momento, em que os ventos da redemocratização sopravam favoravelmente, o movimento ganhou força no Brasil. Mesmo algumas atitudes preconceituosas, e discriminatórias ainda sejam vistas atualmente, com condições de pobreza e isolamento, o segmento das pessoas com deficiência, a partir daquele momento foram amenizados e alguns avanços foram alcançados. Porém ainda permanece a necessidade de uma investigação mais detalhada das diversas situações de não-reconhecimento que ainda afetam esse grupo social.

Ao final da década de 1990 vários eventos mundiais liderados por organizações de pessoas com deficiências aconteceram. A Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994) tem sido fundamental na execução de políticas públicas e ações para garantir os direitos à educação das pessoas com deficiência. Segundo esse documento as escolas inclusivas devem garantir que todos os alunos (a)s:

Aprendam juntos, sempre que possível, independentemente das dificuldades e das diferenças que apresentem. Estas escolas devem reconhecer e satisfazer as necessidades diversas de seus estudantes, adaptando-se aos vários estilos e ritmos de aprendizagem, de modo a garantir um bom nível de educação para todo (a)s através de currículos adequados, de boa organização escolar, de estratégias pedagógicas de utilização de recursos e de cooperação com as respectivas comunidades à educação (p.11-12).

Isso condiz que as escolas devem ser elaboradas e organizadas pedagogicamente, para receber a diversidade humana em suas salas de aula e em todo âmbito escolar, promovendo assim uma inclusão eficaz.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Especial (Brasil, 1998), cabe à escola adotar uma postura, em que estejam contempladas em seu projeto político-pedagógico, no currículo, na metodologia, na avaliação e nas estratégias de ensino, ações que favoreçam a inclusão social e práticas educativas diferenciadas que atendam a todos os alunos. Enfim, é a escola que se capacita, se prepara, se organiza e se adapta, para dar respostas educativas adequadas às necessidades dos alunos (Glat & Blanco, 2007).

A integração de crianças com autismo na escola vem fazendo com que os sistemas de ensino adotem medidas facilitadoras como cuidadores, professoras de reforço e salas especializadas, que não resolvem e muitas vezes passam longe do processo de inclusão, mas entendemos que essa medida é necessária para que cheguemos à inclusão propriamente dita.

Portanto é indispensável um plano de ensino que respeite a capacidade de cada aluno, sugerindo assim atividades sortidas para todos, considerando com isso o conhecimento que o aluno traz para a escola.

## **1.2. Autismo em foco**

Segundo Marinho (2009), a definição do Autismo teve início na primeira descrição dada por Leo Kanner, em 1943, no artigo intitulado: Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo.

De acordo com Klin (2006, p.4)

Kanner foi cuidadoso ao fornecer um contexto de desenvolvimento para suas observações. Ele enfatizou a predominância dos déficits de relacionamento social, assim como dos comportamentos incomuns na definição da condição.

Nessa primeira publicação, Kanner (1943) ressalta que o sintoma fundamental, “o isolamento autístico”, estava presente na criança desde o início da vida sugerindo que se tratava então de um distúrbio inato. Nela, descreveu os casos de onze crianças que tinham em comum um isolamento extremo desde o início da vida e um anseio obsessivo pela preservação da rotina, denominando-as de "autistas".

As causas do autismo ainda são desconhecidas, consistindo o problema da etiologia, sendo um tema base de intensas pesquisas de conceituados estudiosos na área.

Segundo Klin (2006, p.5)

O primeiro estudo epidemiológico sobre o autismo foi realizado por Victor Lotter, em 1966. Nesse estudo, ele relatou um índice de prevalência de 4,5 em 10.000 crianças em toda a população de crianças de 8 a 10 anos de Middlesex, um condado ao noroeste de Londres. Desde então, mais de 20 estudos epidemiológicos foram relatados na literatura e milhões de crianças foram pesquisadas pelo mundo todo.

Com o surgimento de várias manifestações apresentando que o autismo era um transtorno cerebral e que ele surgia na infância, Rutter nos anos de 1978 propôs uma nova descrição do autismo.

De acordo com Klin (2006, p.4)

Rutter propôs uma definição do autismo com base em quatro critérios: 1) atraso e desvio sociais não só como função de retardo mental; 2) problemas de comunicação, novamente, não só em função de retardo mental associado; 3) comportamentos incomuns, tais como movimentos estereotipados e maneirismos; e 4) início antes dos 3 meses de idade.

O autismo foi colocado em uma nova classe de transtornos em 1980, dizendo assim que ele fazia parte de transtornos invasivos do desenvolvimento (TID). Conforme Klin (2006, p.4), O autismo também conhecido como transtorno autístico, autismo da infância, autismo infantil e autismo infantil precoce, é o TID mais conhecido.

Segundo Grenzel (2017) comumente crianças autistas, independente do grau do autismo que a mesma apresente, tenham comprometimentos em todas as competências que surgem bem antes do processo inicial de aprendizagem da leitura e da escrita. Algumas crianças começam a associar letras e sons de forma muito precoce, tendo sido instruídas para isso. O que não pode deixar de existir é uma orientação passo a passo para que essa criança seja emancipada na alfabetização.

A leitura e escrita são sistemas construídos paulatinamente. As primeiras escritas feitas pelos educandos no início da aprendizagem devem ser consideradas como produções de grande valor (DUARTE 2008, p.1, apud FERREIRO 1996).

Esse processo deve ser observado com um olhar detalhado, pois a alfabetização de uma criança com TEA começa a partir de como funciona o pensamento do autista, como, por exemplo, percepção de mundo, sensações, os medos e seu desempenho linguístico.

Crianças com um diagnóstico de Perturbação do Espectro do Autismo (PEA) nem sempre desenvolvem de forma espontânea ou pouco explícita competências literárias ou acompanham num mesmo ritmo que outras crianças.

De acordo com Coco e Binatti (2016, p.1) apud Vigotski (2007) e Luria (2010) as representações das crianças antes de adentrarem nos processos deliberados de escrita e leitura envolve a apropriação de práticas e signos culturais de carácter representativo, como gestos, expressões, jogos imaginários e desenhos, favorecendo o desenvolvimento do simbolismo.

Diante de uma criança com autismo devemos observar de forma detalhada suas particularidades na expressão, relação social, pois muito pode ser denominado.

No entanto ensinar uma criança autista no contexto educacional brasileiro, ainda é um dos fatores complicados e difíceis, pois muitos problemas impedem a inclusão e o ensino das dessas crianças nas escolas.

Um dos fatores que podemos observar é o processo da leitura e escrita, no qual são muito complexos e as dificuldades podem ocorrer de maneiras diversas: inadequação de métodos específicos, às particularidades dos estudantes, a escolha da metodologia baseadas nas diferentes necessidades e dificuldades que as pessoas apresentam, o desrespeito aos reais níveis etários e possibilidades instrumentais dos estudantes, o que acarreta em exigências aquém ou além da competência dos alunos. O professor é o mediador, o condutor da aprendizagem.

De acordo com o Congresso Nacional, no que diz respeito à educação, a legislação 12.764, de 27 de dezembro de 2012 que institui uma Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, garante perante o Art. 2º, Parágrafo VII –“o incentivo à formação e à capacitação de profissionais especializados no atendimento à pessoa com transtorno do espectro autista, bem como a pais e responsáveis”. É necessário que os profissionais da educação procurem capacitações para estarem preparados em sala de aula no sentido de receber as crianças autistas possibilitando uma aprendizagem. Esse será uma das primeiras iniciativas importantes para conhecer e entender como promover um método de ensino a criança.

Vivemos em uma sociedade que exige cada vez mais um sistema educativo que possibilite um ensino de qualidade, tornando-se necessário encontrar ferramentas que favoreçam a aprendizagem, tentando identificar as causas que levam às dificuldades referentes à leitura e escrita.

Assim, um bom sistema de ensino deve começar com a diminuição de alunos por sala de aula, para que o professor possa disponibilizar o recurso necessário, deve ser elaborado práticas de trabalho, pois autistas perturbam-se com quaisquer modificações inesperada.

## **2. METODOLOGIA**

### **2.1 Tipo de pesquisa**

Nossa pesquisa é apresentada de forma funcional e conceitual por compor uma pesquisa qualitativa de abordagem exploratória e descritiva, sobre o autismo. Nesse aspecto da abordagem optamos por uma pesquisa que objetiva ampliar o leque de possibilidades, proporcionado uma compreensão geral sobre determinado acontecimento (GIL, 2007, p.44).

### **2.3 Fundamentos metodológicos**

A pesquisa foi desenvolvida por meio da observação e descrição da prática da professora mediante o aluno com autismo em uma sala de aula regular. Com um desenvolvimento de uma entrevista semiestruturada que possibilita uma maior aquisição de informações sobre a professora da sala de aula pesquisada.

### **2.4 Participantes da pesquisa**

Participaram da pesquisa a professora da sala de aula regular e o aluno com autismo. A escolha da instituição se deu a partir da proximidade que a residência da pesquisadora tem com a escola e por ser uma instituição que desenvolve um trabalho inclusivo envolvendo alunos com autismo. Escolhemos a seguinte sala de aula por ser a que desenvolve o trabalho de alfabetização inclusiva com a respectiva deficiência.

### **2.5 Cenário da pesquisa**

Uma escola no bairro do Jeremias em Campina Grande- PB. A instituição escolhida é da rede pública, atende os alunos da educação infantil ao 5º ano, abrangendo no turno da manhã 104 alunos. A sala de aula é ventilada, iluminada e espaçosa, possuindo 29 alunos.

## 2.6. Procedimento de coleta e análise dos dados

Para coleta de dados, utilizamos a observação *in loco* no período de 27 a 30 de novembro, juntamente com uma entrevista semiestruturada no dia 30 de novembro com a professora, realizando a mesma em sala de aula. A análise e discussão dos resultados realizaram-se por meio de pesquisas já desenvolvidas na área de inclusão com alunos autistas.

## 3. Resultados e discussões

Para melhor entendimento sobre a nossa pesquisa, procuramos seguir alguns pontos referentes à aprendizagem do aluno autista:

- O olhar sobre o autismo;
- Os métodos utilizados na aprendizagem do aluno autista;
- O desenvolvimento da criança autista nas atividades relacionadas à leitura e escrita;
- A participação da família na aprendizagem da criança com autismo na escola;
- A inclusão escolar de alunos autistas.

### 3.1 O olhar sobre o autismo

Nesse ponto da pesquisa, vamos saber o olhar da professora em relação o que é autismo.

*É classificado como um transtorno relacionado ao atraso na linguagem em geral, dificuldades de socialização, atender chamados, contatos visuais e alguns casos mais severos agressividade. Porém como o espectro autista varia de acordo com o nível de gravidade, algumas crianças podem não apresentar certas características pré-determinadas pelo DSM- V (PROFESSORA).*

Foi observado que a professora tem conhecimento de algumas características relacionadas ao autismo. Segundo Orrú (2003) essa síndrome tem várias origens, por isso tem variação no nível de gravidade como cita a professora. Concordamos com o que foi a

presentado na fala da professora, pois sabemos que é fundamental conhecer a deficiência para saber trabalhar com a criança que lhe apresenta.

### **3.2 Os métodos utilizados na aprendizagem do aluno autista.**

Nesse ponto da pesquisa questionamos quais os métodos de aprendizagem que a professora utiliza com a criança autista e quais os conhecimentos prévios que ela já possuía.

*Os conteúdos prévios que ela já possui são as vogais e letra inicial do nome, utilizo com ela o construtivismo associado com o lúdico.  
(PROFESSORA)*

Inserir o lúdico na sala de aula que possui um aluno autista é uma alternativa válida, pois muitas vezes a criança autista encontra dificuldades na sua aprendizagem, porém esses obstáculos podem ser diminuídos através dos jogos e brincadeiras, aprendendo assim de uma maneira divertida. O professor é um dos agentes principais nesses métodos, pois é através da parceria escola e professor que ocorre o desenvolvimento pretendido, sem esquecer o papel dos pais neste processo.

Gadotti (1940, p. 03) diz que escola e professor são fatores essenciais na aprendizagem, quando afirma que “o projeto da escola depende, sobretudo da ousadia dos seus agentes”. Portanto, com essas alternativas o professor e a escola estarão não só pensando no seu aluno mais também dando um passo importante no ensino para crianças autistas, afinal, esse lhe é um direito garantido por lei.

### **3.3 O desenvolvimento da criança autista nas atividades relacionadas à leitura e escrita.**

Nesse momento, foi proposto que a professora nos falasse como era a evolução e o desenvolvimento da criança autista nas atividades relacionadas à leitura e escrita.

*Ela consegue desenvolver sozinha a leitura das vogais e identifica o nome ( PROFESSORA).*



Sabemos que a criança com autismo, por não apresentar as mesmas velocidade de aprendizagem das crianças sem o autismo, tem na escola um espaço de encontros, trocas e interação. Tudo isso para que, mesmo com suas dificuldades, essa criança desenvolva outras competências e a escola seja principalmente um fator de inclusão.

Portanto segundo Juhlin (2008), escritora do livro “O desenvolvimento da leitura e da escrita das crianças com necessidades especiais”, todos os seus alunos com autismo, com fala ou sem fala, com retardo mental ou não, aprenderam a ler e a escrever, mas o que diferenciou foi o tempo que necessitaram para se alfabetizarem.

Para Ferreira (2011, p.22) “[...] quanto mais cedo se iniciar o caminho da inclusão, mais extensas e positivas serão as mudanças no desenvolvimento de crianças com Perturbação do Espectro do Autismo na sua inserção social”. Diante do exposto, a inclusão é um fator essencial no processo de desenvolvimento de qualquer criança. E por possuírem um estilo cognitivo diferente, todas as características que compõem o autismo exigem metodologia direcionada para o ensino desses sujeitos.

#### **3.4. A participação da família na aprendizagem da criança com autismo na escola.**

Nessa categoria pedi a professora para me descrever como era o relacionamento da família da criança autista e se eles acompanhavam o desenvolvimento dela na escola. A professora respondeu que sim, chegando até a cobrar atividades.

*Sim, acompanham e cobram as atividades quando não são enviadas para casa. Porém, ela falta bastante e muitos dos casos estão associados ao adoecimento dela. (PROFESSORA)*

Podemos observar que a família da criança está presente de certa forma, por sempre buscarem e cobrarem as atividades feitas em casa, dando assim uma continuação na aprendizagem que é realizada na sala, é o que percebemos na fala da professora.

Segundo Soares (2008), deve-se ter sempre em mente que a família de uma criança autista necessita tanto de atendimento e orientação quanto o próprio indivíduo, não só para sua própria organização e ajustamento, como também para que possa constituir um elemento de apoio e ajuda no processo de educação e reabilitação, é necessária que os profissionais

ligados com o diagnóstico possam auxiliar de forma adequada à família, para que essa possa estar bem informada para auxiliar a criança.

Estas famílias possui um papel fundamental no processo de educação e desenvolvimento desse indivíduo. Ela também precisa ser acompanhada por profissionais que possam dar o apoio necessário, contribuindo sempre de forma positiva. Os familiares precisam se adequar ao cotidiano da criança para proporcionar uma melhor qualidade de vida.

### **3.5 A inclusão escolar de alunos autistas e dificuldades encontradas no ambiente escolar.**

Por fim, perguntamos um dos pontos mais debatidos e estudados, se realmente há inclusão de alunos autistas na rede regular de ensino com qualidade e as principais dificuldades encontradas no ambiente escolar. Portanto a inclusão acontece quando os professores e a escola lutam por isso. Cotidianamente existem desafios que devem ser vencidos, é uma luta constante para obtermos um ensino adequado e de qualidade, afinal esse é direito de todos.

*Uma das principais dificuldades enfrentadas são os professores que não estão preparados para receber o aluno... tive a sorte de ter o curso de psicologia, mas alguns colegas não compreende as necessidades dos alunos e querem comparar com um aluno dito como normal.( PROFESSORA).*

Percebemos que a professora tem consciência da necessidade da preparação de um professor que tem um aluno autista. Porém só o trabalho do profissional de educação em sala de aula não é o suficiente, pois ela deve ter um suporte para que esse aluno alcance os objetivos propostos.

Segundo Mantoan (2006) a escola tem de mudar como um todo para atender a todas as necessidades, provenientes de pessoas com necessidades educacionais especiais ou não.

Observando as palavras do autor supracitado juntamente com a fala da professora, percebemos que a escola não se encontra inclusiva nem para as pessoas sem deficiência o que diríamos de pessoas que precisam de um atendimento educacional especializado, existe muito a ser feito.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com relação ao presente estudo, foi possível concluir que o ensino da leitura juntamente à escrita, continua sendo um processo lento com a criança autista. A falta de compromisso das escolas sem dúvida é um dos maiores impasses que existem quando se fala em alfabetização com o aluno autista.

Outra questão que pode ser observada é a falta de materiais didáticos para serem preparadas as atividades exclusivas para o aluno, a falta de formação e especialização da professora também foi um dos quesitos observados, pois a mesma só possui o curso de Psicologia. Este fator deixa muito mais crítico o atendimento pedagógico, pois o profissional de Psicologia não tem aparato suficiente para atender tal aluno e principalmente as necessidades pedagógicas do mesmo.

Sabemos que é possível alfabetizar crianças do transtorno do espectro autista, numa perspectiva inclusiva, adaptando as atividades de acordo com seu nível e habilidades cognitivas, ou seja, e não apenas em escolas de ensino especializado.

Assim, concluímos que o professor também possui um papel determinante no processo de ensino-aprendizagem, como mediador, uma vez que suas mediações são decisivas e podem cooperar com a construção do saber do aluno quando efetivada adequadamente ou até mesmo prejudicar ou impedir o evolução da criança quando a intervenção for inadequada, sendo criança autista ou não.

Entendemos que o professor ao ter uma criança autista em sua sala de aula, é necessário que ele promova alguma adaptações para que ela possa se sentir confortável no ambiente em que está inserido. Em suas rotinas de aula deve sempre lembrar na criança autista, refletindo sobre possíveis práticas que ela consiga assimilar, para isso o professor pode utilizar da sensibilidade visual e auditiva que alguns autistas têm e preparar suas aulas de maneira que possa usar essas habilidades, possibilitando a compreensão e a possível aprendizagem da criança.

Portanto percebemos que a diferença está no conhecimento teórico e na prática do profissional, juntamente de um caminho com várias técnicas e métodos, sem esquecer no envolvimento da família e principalmente no conhecimento específico da necessidade dessa criança. Acreditando assim na possibilidade de alfabetização de crianças com TEA, como também em escolas que atendam as necessidades educacionais de cada aluno.

## ABSTRAT

The increase in enrollments for autistic children in regular schools has brought a great need for studies and research that deepen the knowledge about the methods that are used in schools and transmitted to these children. Often the strategies to involve the student with autism in the world of letters are slow to arise, discouraging the teacher responsible for that student's learning. This work aims to understand the perspective of an educator regarding the literacy of an autistic child in the 2nd year of elementary school. The recent research was qualitative, using a semi - structured interview together with an IN LOCO interview with the elementary school educator of a municipal school located in Campina Grande - PB. We observed that the school does not provide specialized pedagogical materials for the student's education, thus creating a barrier to inclusion in regular education. Through the interview, we verified that the teacher has some knowledge regarding the characteristics of autism, but its methodology occurs in a traditional way, not using any specific method or something that stimulates the child's learning. We conclude that it is still possible to come across unqualified professionals in the regular network, there is a shortage of teachers who encourage autistic children regardless of the deficit or level it is, since it is the teacher's role to push irreplaceable resources for inclusive quality education.

**Keywords:** Inclusion. Autism. Literacy

## REFERÊNCIAS

CAMARGO, Sígla; BOSA, Cleonice. **Competência social, inclusão escolar e autismo**. vol. 21, num.1, Minas Gerais: Psicologia & Sociedade, 2009.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. Necessidades educativas especiais – NEE In: Conferência Mundial sobre NEE: acesso em: Qualidade – UNESCO. Salamanca/ Espanha: UNESCO 1994. Disponível em: [http://redeinclusao.web.ua.pt/files/fl\\_9.pdf](http://redeinclusao.web.ua.pt/files/fl_9.pdf)  
Acesso em 19 de novembro de 2017.

DINIZ, Débora. **O que é deficiência**. 1 ed.São Paulo : Brasiliense, 2007

DREYER, Loiva. *Alfabetização: O olhar de Paulo Freire*: disponível em:  
[http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5217\\_2780.pdf](http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5217_2780.pdf). Acesso em: 3 de novembro

GIL, A. C. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2007.

Klin, Ami. Autismo e Síndrome de Asperger : uma visão geral: disponível em:  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-44462006000500002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462006000500002). acesso em: 19 de novembro.

REIS Fausta. **Alfabetização e Autismo**. Disponível em:  
<http://www.autismoevida.org.br/2012/11/alfabetizacao-e-autismo.html>. acesso em 11 de Setembro de 2017.

SANTOS, Emilene ; CHIOTE, Fernanda. **Autismo e a pré história da linguagem escrita**. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1471-3802.12261/full>. Acesso em 2 de outubro de 2017.

SILVA, Maria. *Aprendizagem da Leitura e da Escrita em Crianças com Perturbação do Espectro do Autismo: Propostas Pedagógicas*. Covilha,2011.

## APÊNDICE

### ROTEIRO DE ENTREVISTA

(ENTREVISTA VOLTADA A DOCENTE QUE TRABALHA COM CRIANÇA AUTISTA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO)

#### 1. Entrevista

1.1 O que é autismo?

1.2 Quais os métodos de aprendizagem que a professora utiliza com a criança autista e quais os conhecimentos prévios que ela já possuía?

1.3 Como é a evolução da criança autista nas atividades relacionadas à leitura e escrita?

1.4 Como é o relacionamento da família do aluno, eles acompanham seu desenvolvimento?

1.5 Há inclusão de alunos autista na rede regular de ensino e quais as principais dificuldades encontradas no ambiente escolar?

## 2. Documentos

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), do estudo intitulado(a) **ALFABETIZAÇÃO NO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) - UM DESAFIO POSSÍVEL**. Conduzido por Camila Galdino Barroso. Esta pesquisa tem por objetivo, investigar o processo de alfabetização e inclusão de alunos com autismo na sala de aula. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo. Sua participação nesta pesquisa consistirá em autorizar a observação do desenvolvimento da criança autista durante sua rotina em sala de aula.

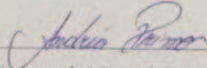
Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação. O pesquisador responsável se comprometeu a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos ou participantes.

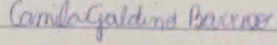
Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável / coordenador da pesquisa.

Contatos do pesquisador responsável: CAMILA GALDINO BARROSO  
Email: [camiilagaldino@gmail.com](mailto:camiilagaldino@gmail.com)  
Telefone: (83) 988001061.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa, e que concordo em participar.

Campina Grande, 30 de novembro de 2017.

  
Assinatura do(a) participante ou responsável

  
Assinatura do pesquisador

## AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Eu Luizete de Almeida Nunes, abaixo  
assinado, responsável pela Escola

fernando b Cunha Lima  
autorizo a realização do estudo ALFABETIZAÇÃO NO TRANSTORNO DO  
ESPECTRO AUTISTA (TEA) - UM DESAFIO POSSÍVEL, a ser conduzido pela  
pesquisadora Camila Galdino Barroso.

Fui informado, pelo responsável do estudo, sobre as características e objetivos da pesquisa, bem como das atividades que serão realizadas na instituição a qual represento. Esta instituição está ciente de suas responsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Data 30/11/2018

Escola: Escola Fernando Costa Lima  
Av. Armando de Almeida Neto  
Cidade: Caruaru

Luizete de Almeida Nunes

Assinatura e carimbo do responsável institucional

Camila Galdino Barroso

Pesquisadora